



**APAGAMENTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO NO CENTRO DA
CIDADE DE PAU DOS FERROS-RN**

*Relatos do esquecimento da história pau-ferrense
ERASURE OF HISTORIC HERITAGE IN THE CENTER OF PAU DOS
FERROS-RN CITY/ BORRADO DEL PATRIMONIO HISTÓRICO EN EL
CENTRO URBANÍSTICO DE LA CIUDAD PAU DOS FERROS-RN*

Historiografia, ideários e regimes de historicidade

LIMA, Lívia Danielle P.

Graduanda; CAU/UFERSA

livia.lima98236@alunos.ufersa.edu.br

MOURA, Marina Cordeiro de

Graduanda; CAU/UFERSA

marina.moura@alunos.ufersa.edu.br

SILVA, Sebastiana Jaqueline Ferreira

Graduanda; CAU/UFERSA

sebastiana.silva@alunos.ufersa.edu.br

RESUMO

Neste artigo objetiva-se apresentar reflexões acerca do apagamento ao longo dos anos, do patrimônio histórico e cultural do Bairro Central, da cidade de Pau dos Ferros, localizada no interior do estado Rio Grande do Norte, na região do Alto Oeste Potiguar. Isso ocorrerá com base no conceito de historiografia, com foco nos estudos acerca da cultura local e seus cidadãos à partir de relatos, além da pesquisa voltada para as edificações e todo o contexto urbano de vias e praças do Centro pau-ferrense, além de destacar o cenário do passado da cidade e os costumes exercidos por sua crescente população. Dessa forma, foi utilizado como meio de estudo, em primeiro foco, um apanhado de relatos populares sobre como se constituíam os edifícios antes das mudanças e como se deram essas mudanças, assim como, buscar abranger toda a importância do passado local, pois, é através dele que se encontra a identidade e origens de uma sociedade.

PALAVRAS CHAVE historiografia; Pau dos Ferros; relatos; origens; patrimônio.

ABSTRACT

This article aims to present reflections on the erasure over the years, of the historical and cultural heritage of the central neighborhood of the of Pau dos Ferros city, located in the interior of the state of Rio Grande do Norte, in the region of Alto Oeste Potiguar. This will be based on the concept of historiography, focusing on studies about local culture and its citizens from their narratives, as well as research focused on buildings and the entire urban context of roads and squares in the pau-ferrense center, also highlighting the scenario of the city's past and the customs exercised by your growing population. In this way, it was used as a means of study, in first focus, a collection of popular narratives about how buildings were constituted before the changes and how these changes took place, as well as seeking to cover all the importance of the local past, because it is through it that the identity and origins of a society are found.

KEY-WORDS historiography; Pau dos Ferros; narratives; origins; heritage.

INTRODUÇÃO

A cidade de Pau Dos Ferros, localizada no Rio Grande do Norte, atualmente conta com uma área territorial de 259,959 km² e uma população estimada de 30.802 pessoas (IBGE, 2021). É uma cidade que desempenha um papel de extrema importância para a região devido sua localização, definida como “cidade polo” interiorizada, devido a exercer uma função de intermediação regional, entre as cidades de Juazeiro do Norte - CE e Mossoró - RN e Campina Grande - PB.

É nesse contexto que o presente artigo insere a análise de como se deu o desenvolvimento histórico da cidade, e como a falta de ações de preservação patrimonial, aliada a um constante crescimento da especulação imobiliária, tem contribuído para a descaracterização de uma das ruas mais antigas da cidade. A urgência do progresso tem alterado de forma definitiva as características físicas da cidade, sobretudo no que diz respeito ao seu conjunto edilício, fato que acarreta, em muitos casos, em um apagamento da história da cidade, que passa por um processo de desconfiguração e demolição de seus exemplares de edificações históricas.

Historiografia, um breve relato de sua importância

Torres (1996, p. 56-59) define o conceito da historiografia como o registro escrito da história, englobando atividades de especificação de trabalhos históricos e verificação, tanto da precisão, quanto da legibilidade desses trabalhos e partindo disso, têm como principal objetivo produzir o conhecimento histórico de forma fidedigna e estruturada. Bem como, analisar e contar a história que os seres humanos fizeram ao decorrer do tempo, além de estudar as mais variadas épocas e estados buscando a compreensão exata dos fatos ocorridos.

Alguns autores se distinguem ao tentar conceitualizar a historiografia, para Francisco Iglésias (1972, p. 22-23), funciona como uma produção intelectual, enquanto José Roberto do Amaral Lapa (1981, p. 18-19) a considera como uma análise crítica do conhecimento histórico. Sendo assim, ao observar essas diferenças de posicionamento, podemos notar o englobamento de abordagens para conceituar a história e a historiografia, além de se evidenciar uma certa atenção dos autores em diferenciar ou equiparar a história enquanto processo humano e a historiografia, dessa forma, entende-se que esses dois termos tendem a se diferirem em seus significados, sendo o primeiro termo, de forma geral, tudo aquilo que está escrito sobre o passado afim de aproximá-lo com o que realmente aconteceu e o segundo termo, a averiguação das mais apropriadas maneiras de interpretação de fontes históricas e de como a história foi escrita.

Historiografia: a prática e o discurso historiográfico, isto é, a prática intelectual especializada (mediada pelo instrumental teórico-metodológico da ciência histórica) que tem como objeto específico a realidade histórica, em sua integridade estrutural e superestrutural e seu produto: o conhecimento histórico (ALMEIDA, 1983, p.22).

Para que a historiografia seja entendida, é imprescindível destacar o passado cultural, sendo essa a base na qual se molda e parte rumo ao conhecimento estrutural. Desta forma, é importante evidenciar que existe uma releitura a partir do elo da contemporaneidade de gerações atuais, ou seja, seres humanos atualizam cotidianamente a história tomando como partida o dia a dia de uma sociedade, e consequentemente “reescrevem” a historiografia, destinando novos rumos ao presente e reformulando o que será criado nas gerações futuras. Levando isso em consideração, podemos atrelar estes acontecimentos, ao fato do apagamento histórico de patrimônios históricos, cujo, colabora com o aniquilamento de milhares de edifícios e construções históricas ao passar dos anos.

É comum que no processo de urbanização das cidades, ocorra a demolição ou modificação de construções mais antigas, consideradas desatualizadas, com a justificativa de modernização das cidades. No entanto, atividades como essas, acabam por ocasionar o apagamento da memória de uma cidade e sua população, além do desaparecimento de sua cultura popular, onde a mesma, pode se manter viva apenas em relatos e histórias de moradores sobre como esses lugares se caracterizavam inicialmente.

Pau dos Ferros, A Princesinha do Oeste

Devido sua centralidade, Pau dos Ferros, popularmente chamada de a Princesinha do Oeste, atua influenciando no desenvolvimento das pequenas cidades vizinhas, auxiliando-as com seu comércio, saúde e educação, e a partir do momento que a cidade nega seu valor histórico, é temível que as outras cidades próximas também façam o mesmo. Por este motivo, o presente trabalho possui como ponto focal descrever a historicidade da cidade por meio de relatos populares, a fim de reafirmar a importância de se manter a história do passado viva, para que as próximas gerações possam também entender como se deu o desenvolvimento histórico, urbano, econômico e cultural da cidade. Segundo Barreto (1987, p. 36-37), o nome Pau dos Ferros, provém de uma grande árvore, que servia para oferecer sombra aos vaqueiros de passagem pelo local e aproveitavam para repousa, e acabavam por sua vez à marcar com ferro quente o tronco desta árvore, a história em todos os relatos é sempre a mesma, tem como divergência apenas se era uma oiticica ou um jucá.

A data da Sesmaria de Pau dos Ferros foi doada, no ano de 1733, a Luiz da Rocha Pita Deusdará, Francisco da Rocha Pita, Simão da Fonseca Pita e a Dona Maria Joana, filhos e herdeiros do Cel. Antonio da Rocha Pita; ditos sesmeiros eram baianos e grandes latifundiários no Rio Grande do Norte e Ceará. (AQUINO, 2018 - p.7-8)

De acordo com dados da Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros, os momentos iniciais, da civilização pau-ferrense, ocorreram no final do século XVII e início do século XVIII, nas proximidades dos rios Piranhas e Apodi, e inicialmente o município foi povoado por indígenas da tribo Cariris/Panatis, vindo das Paraíba, e o desbravamento do território

aconteceu por meio de sesmeiros, bandeirantes e vaqueiros. Pode-se dizer então que foi a pecuária um dos principais motivos para a fixação dos viajantes na cidade.

Segundo Holanda (2006, p. 15-17), a evolução de Pau dos Ferros, deu-se desde o início dos anos 1930, quando era apenas uma pacata cidade interiorana. Já nos anos 40, começou a receber carroças e automóveis motorizados, assim como, também iniciou interações econômicas com as cidades ao seu entorno. Obteve seu centenário no ano de 1956, onde foi houve uma grande comemoração local e a criação do seu obelisco, grande marco da cidade, localizado no centro da Praça Matriz. Atualmente, a Princesinha do Oeste se caracteriza como um polo urbano para cidades vizinhas no Alto Oeste Potiguar, concentrando grandes fontes de educação, cultura, comércio e saúde.

O CENTRO DE PAU DOS FERROS, UMA HISTÓRIA QUE SE PERDE

A maior parte do Centro de Pau dos Ferros se caracteriza como um centro comercial, mas também é o local onde se deu o surgimento da sua história, como relatou Francisca Morais de Aquino, em seu livro *Memória Vivas Memórias*:

[...] o grande pioneiro da história do povoado do município de Pau dos Ferros foi o fazendeiro FRANCISCO MARÇAL, que, ao ocupar a região em 1733, fundou uma fazenda destinada à criação de gado e à sua própria moradia.

Assim, em 1738 foi edificada uma capela [...], a capela foi elevada à categoria de matriz em 19 de dezembro de 1756, com a criação da freguesia de "Nossa Senhora da Conceição" [...] (AQUINO, 2018, p. 316)

Podemos observar, que o atual centro comercial pau-ferrense tem uma história com mais de 200 anos, porém como poderá ser observado no decorrer deste tópico, muito já se perdeu de suas características originais.

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

A ocupação inicial de Pau dos Ferros se deu com a construção de sua primeira capela, que em 1756 tornar-se-ia matriz da cidade, porém mesmo uma das primeiras edificações da cidade, teve sua história modificada por diversas vezes, como relata José Edimilson de Holanda, um dos ex-prefeitos da cidade de como desde sua infância ele presenciou diversas reformas e "melhoramentos" da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição.

Dos meus tempos de criança até o presente, guardo na lembrança seu primeiro melhoramento: a construção do seu primeiro forro nos idos de 1936, aproximadamente, feito de madeira, o qual não resistiu á ação do tempo e a ganância dos cupins.

Outra mudança muito importante realizado nessa mesma época foi a demolição do velho patamar, [...].

O novo patamar construído é menor e mais baixo, facilitando sensivelmente o acesso tanto para a matriz como para a rua.

Em frente ao antigo patamar havia também uma grande cruzeiro de alvenaria, [...]. Na sua demolição foram encontradas algumas ossadas humanas, supostamente pertencentes a

devotos que foram atendidos nos seus últimos desejos e pedidos: serem sepultados no patamar da igreja. (HOLANDA, 2006, p. 37)



Figura 1: Fachada Frontal da Igreja Matriz, na década de 1950. Fonte: Francisca Moraes de Aquino (2018, p.320)



Figura 2: Fachada Lateral da Igreja Matriz, na década de 1950. Fonte: Francisca Moraes de Aquino (2018, p.320)

A primeira lembrança de modificações de José Edimilson de Holanda, data de 1936, tendo assim uma lacuna de 180 anos de história da matriz, então levanta-se o questionamento se durante esses 180 anos não tiveram outras modificações e quais foram elas. Mesmo assim, a partir de 1936 Holanda não recorda de apenas uma modificação na igreja, mas sim de diversas, que mudaram drasticamente a sua arquitetura. No ano de 1939, Holanda recorda da construção dos jardins que circundam as laterais da matriz, feitos com o intuito de melhorar o visual externo da igreja e seu acesso pelas portas laterais. Já nos anos de 1940 “foi feito o reboco externo das paredes laterais, construídas de tijolos e grandes blocos de pedra [...]”. (HOLANDA, 2006, p.37), porém foi apenas nos anos de 1960 que ocorreu uma obra de grande porte, que mudaria de maneira drástica a fachada e interior da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, sendo a construção de uma das torres, e também a um erro de interpretação de reformas autorizadas pelo Vaticano que levou a demolição do altar da igreja:

Em 1963, uma interpretação errônea das reformas autorizadas pelo Concílio Vaticano II, levou algumas paróquias, inclusive a nossa, a dilapidar o patrimônio sacro, histórico, artística e cultural de suas igrejas, demolindo altares seculares, verdadeiras obras de arte de valor inestimável. (HOLANDA, 2006, p. 39)



Figura 3: Altar-Mor da Igreja Matriz, demolido em 1969. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p.320)



Figura 4: Fachada frontal da Igreja da Matriz, década de 1960. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p. 321)

Mesmo após estas radicais mudança na fachada e interior, os relatos sobre a sua descaracterização continuam, pois no ano de 1976, José Edimilson de Holanda discorre sobre outras reformas como a construção de um novo forro e a troca de todo o piso de cimento “feito em blocos de duas cores, natural e vermelho, com exceção da Sacristia, [...] cortado em formas de desenhos” (HOLANDA, 2006, p. 38), o piso que o substituiu eram em mosaico, doado pelo empresário Antônio Florêncio de Queiroz. Neste mesmo ano, também relata Holanda outra demolição nas dependências da igreja:

[...] foi demolido o coro, local elevado e encravado acima da porta principal, como se fosse um primeiro andar, que tinha a finalidade de reunir o coral das cantoras que animavam as missas dominicais e festivais e demais atos litúrgicos com suas músicas sacras, auxiliadas apenas pelo som de um velho órgão, sem microfones, mas que, no entanto, enchia de alegria e contrição os corações dos fiéis que ali se encontravam. (HOLANDA, 2006, p. 39)

Mesmo com todas as mudanças na igreja, a maior reforma teve início no ano de 2012, por conta dos diversos problemas estruturais, e assim a igreja se distanciou, ainda mais, das feições que possuía em seus primeiros respiros como Igreja Matriz, com a inauguração desta grande reforma no dia 09 de novembro de 2015.

Em 09 de novembro de 2015, aconteceu o rito solene de dedicação do novo templo, com missa presidida pelo Bispo Diocesano, Dom Mariano Manzana. Com essa reforma, o antigo altar-mor da Igreja Matriz, construído em 1999, foi demolido em 2012, sendo substituído por ícones litúrgicos, com o "Pantocrator" ao centro. Além da construção da segunda torre da Igreja [...]. (AQUINO, 2018, p. 321)



Figura 5: Obras e Reformas na Igreja da Matriz.
Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p.322)



Figura 6: Fachada da Igreja da Matriz, após conclusão das obras em 2015. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p. 322)

Assim, pode-se notar que apesar do claro carinho da comunidade pela sua igreja matriz, esta não possui um apego histórico pelo edifício, e entende a maioria de suas reformas como melhoramentos.

Mercado Público Municipal Antônio Soares de Holanda

O mercado público municipal, que tem o nome oficial de Mercado Público Municipal Antônio Soares de Holanda, foi construído no ano de 1868, como relata Aquino:

Em 1868 foi construído o mercado municipal, representando, naquele dado contexto histórico, a modernização do comércio. A construção desse equipamento urbano se justificou, dentre outros aspectos, pela necessidade de um maior controle sobre os preços das mercadorias comercializadas, possibilitando o poder público municipal maior arrecadação de impostos. Além de ponto de comércio, o mercado servia para socialização, pois à noite funcionava um clube com tertúlias.” (AQUINO, 2018, p. 336)



Figura 7: Mercado Público Municipal, antes da descaracterização. Fonte: Antônio Medeiros de Dutra (2014)



Figura 8: Interior do Mercado Público, antes da descaracterização. Fonte: Victor Mendes (2014)



Figura 9: Pátio no interior do Mercado Público, antes da descaracterização. Fonte: Victor Mendes (2014)

O autor José Jacomé Barreto, explica em seu livro *Pau dos Ferros: História, tradição e realidade* (1987, p. 43), que a construção do mercado municipal se deu para desenvolver comércio no município que antes tinha sua principal economia baseada na agropecuária. Holanda explica que “naquela época, a nossa feira era pequena, mas já se destacava como a maior da Região. Limitava-se apenas à área interna do Mercado Municipal [...]. O açougue funcionava aquele local, no lado correspondente à travessa Teófilo Rego”. E bem como relatado por Aquino (2018, p. 336), o mercado público tinha um viés no lazer da cidade, principalmente durante as festividades de Natal, Ano Novo e São João:

[...] Na década de 30, época da minha infância, a noite de Natal era uma noite diferente, de muita alegria e animação. O mercado público (barracão) permanecia aberto durante toda a noite, destinado à reunião e ao encontro dos amigos, compadres, parentes, jovens, namorados, casais e até mesmo dos idosos, principalmente as pessoas vindas de zona rural, desejosas de assistirem à missa do galo, celebrada sempre à meia noite (hora em que os galos cantam) daí seu nome.

[...] Neste local, o povo aguardava a hora da missa, se divertindo com os entretenimentos e novidades que apareciam, proporcionando momento de lazer como jogos de azar, roletas, bancas para vender: miçangas, predas, lanches como café, bolos diversificados, caldo de cana, aluás e refrescos [...] considerados os refrigerantes da época, além de cachaça e da cerveja refrigerada em jarras de barro, pois naquela época o gelo e a geladeira não existiam na cidade. (HOLANDA, 2011, p.25)

As festas do Ano Novo seguiam as mesmas regras do Natal, com o mercado público aberto durante toda a noite, com entretenimento principalmente para as pessoas da zona rural, além das festividades dentro do mercado público as ruas pau-ferrenses se enchiam de alegria quando chegava o horário da meia noite:

Essa era a hora das comemorações: nas igrejas os sinos repicavam; nas ruas, o barulho do adeus do povo ao ano velho e saudação à chegada do novo ano; no céu, fogos de artifício cintilavam, misturando a sua claridade com as luzes das estrelas em explosões luminosas, enchendo de alegria e deslumbramento os corações dos expectadores; (HOLANDA, 2011, p.26)

Na época das festas juninas de São João e São Pedro, o mercado tinha grande importância na comemoração, sendo palco de diversos costumes nordestinos, segundo Holanda (2011, p. 26), a festa muitas vezes era patrocinada por fazendeiros que com o intuito de homenagear um dos santos, doava uma quantia para que a confraternização fosse feita e assim uma comissão se encarregava dos preparativos para que o mercado fosse palco da festa.

Começavam com a celebração do casamento matuto, uma espécie de peça teatral de estilo jocoso, na qual os participantes usavam roupas e linguajar caipira usados por nossos antepassados, senhores de engenho e coronéis de outrora, que defendiam com coragem e valentia o valor da família, seus costumes e preconceitos [...].

Após o casamento havia a dança da quadrilha, muito em voga na antiguidade, hoje desaparecida. [...] Finalizada a dança o forró tomava conta da festa e durava até o dia amanhecer. Durante o forró eram servidas as comidas típicas como canjica, pamonha, milho verde assado na fogueira, cozido, bolo de milho e o pé de moleque e outros, além dos aluás, que não faltavam, da cachaça e da cerveja para animarem os dançarinos. (HOLANDA, 2011, p. 27)

Atualmente no Mercado Público Municipal Antônio Soares de Holanda, não se tem mais festas em seu interior, não se tem mais feira, os costumes mudaram e hoje o mesmo funciona como local de vendas de itens diversificados, desde roupas até pequenas lanchonetes, porém estes fecham todos os dias ao fim do horário comercial. Além desta triste quebra de costume tão bonito de festejar dentro do Mercado Público, o mesmo passou por uma descaracterização interna e externa, perdendo o seu telhado que era o responsável pelo seu carinhoso apelido de barracão.

O último grande evento sediado pelo Mercado foi a campanha de vacinação, onde a prefeitura arranhou toda uma estrutura para atender a população pau-ferrense nesse angustiante momento de pandemia.



Figura 10: Obra de reforma no interior do Mercado Público, ano de 2017. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p. 336)



Figura 11: Fachada do Mercado Público, no ano de 2020. Fonte: Acervo Memória do Sertão (2022)



Figura 12: Campanha Vacina PDF, no interior do Mercado Público Municipal, no ano de 2021. Fonte: Prefeitura de Pau dos Ferros (disponível in: <https://www.instagram.com/p/CREm9eHB1OV/>)

Grupo Escolar Joaquim Correia

A atual Casa de Cultura Popular Joaquim Correia, outrora conhecido como Grupo Escolar Joaquim Correia, a primeira escola pública na cidade de Pau dos Ferros, um marco relatado com beleza pelo poeta Marcelo Cavalcante:

Mil Novecentos e Oito
Começou a construção,
Dois anos depois nasceu
Decreto de criação
E sem ter placa de bronze,
Mil Novecentos e Onze
Houve a inauguração.

Assim o famoso "Grupo
Escolar Joaquim Correia"

Ganhou o nome de quem
Lutou sem ter cara feia

Pra no seu prédio erguer
O futuro do saber
Por mil gerações e meia. (CAVALCANTE, 2013, p.49-50)

Joaquim José Correia (1848-1928), foi um importante personagem da história da cidade de Pau dos Ferros, além de ter sido o idealizador da construção da primeira escola da cidade, foi responsável também pelo Açude 25 de Março, obra de grande importância para a cidade, dada as secas da época. O Grupo Escolar Joaquim Correia foi uma parte importante na vida de diversos moradores da cidade, "muitas gerações do século passado encontraram as luzes do saber, com primeiros passos na educação, geradora de grandes profissionais corretos espalhados por este país" (FERNANDES, 2002, p. 33)

Grande foi o esforço, o trabalho, a luta de Joaquim Correia para conseguir o seu objetivo, em virtude das dificuldades e da escassez de recursos da Prefeitura. Teve então de fazer uma campanha na comunidade, andando de casa em casa, angariando donativos para terminar a obra, que concluída recebeu o seu nome, como uma homenagem de reconhecimento pelos grandes e relevantes serviços prestados a nossa comunidade. (HOLANDA, 2011, p. 50)



Figura 13: Grupo Escolar Joaquim Correia, na década de 1950. Fonte: João Bosco Queiroz Fernandes (2002)

O edifício "contava com quatro salas amplas e arejadas e um conjunto de mobílias como carteiras, birôs e quadros-negros. Anos mais tarde, em 1938, seria instalada uma biblioteca que continha 800 volumes doados pelo Instituto Nacional do Livro" (NETA, 2011, p.6). O Grupo Escolar Joaquim Correia ofertava inicialmente, no ano de 1911, o ensino elementar masculino e feminino, tendo como corpo docente os professores: Orlando Correia e Idalina Curjão, sendo o primeiro também diretor do grupo escolar, em setembro do mesmo ano foi instalado o ensino infantil misto, porém este deixou de ser ofertado no ano de 1915.

Em 12 de janeiro de 1915, foi suprimida a modalidade escolar "infantil mista", passando o estabelecimento a funcionar sob o regime de escolas isoladas ou escolas reunidas. Em 24

de junho de 1936 e em 26 de novembro de 1937, foram criados a escola noturna e o curso complementar, respectivamente, sendo que este último somente foi instalado em 07 de fevereiro de 1938, e o seu primeiro professor foi o Sr. Manoel Jácome de Lima. (AQUINO, 2018, p.340)

O Grupo Escolar Joaquim Correia, foi onde José Edimilson de Holanda estudou em sua adolescência e ele relata, que “nos anos trinta, o aluno para ser matriculado no Grupo Escolar Joaquim Correia, [...] tinha que saber ler, no dizer da época estar desasnado.” (HOLANDA, 2006, p.73). O mesmo também comenta sobre sua adolescência, já estudante do grupo escolar, os castigos aplicados aos alunos problemáticos que lá estudavam, ele discorre que “não existia palmatória, mas vigorava o castigo, aplicado ao aluno pela professora, sem causar revolta, como ficar de pé com os braços abertos em cruz ou de joelhos, por um determinado tempo.” (HOLANDA, 2011, p. 18). Relatos como este mostram o quanto o pensamento foi mudado com o passar dos anos, em diversos âmbitos inclusive na educação. Apesar destas lembranças, José Edimilson de Holanda sempre mostra a grande importância que o Grupo Escolar Joaquim Correia teve para o desenvolvimento educacional do município:

O Grupo escolar Joaquim Correia foi baluarte do desenvolvimento e do progresso da educação de nossa cidade, palco de aulas brilhantes, cenário de eventos inesquecíveis, teatro de grandes acontecimentos que marcaram a sua história através dos tempos. Nele funcionaram vários cursos que projetaram a educação em nosso Município como a criação na década de 1950 da Escola Normal Rural que preparava professores para as nossas escolas. Na década de 1960 foi extinta, sendo criado o Colégio Normal de Pau dos Ferros, o primeiro curso de 2º grau (hoje ensino médio) de nossa cidade. No começo da década de 1980 abrigou o Campus Avançado de Pau dos Ferros da Universidade do Rio Grande do Norte. Com a modernização e mudança do ensino, o velho prédio perdeu a suas condições de funcionar como escola. Aproveitaram então a idéia do Padre Sátiro Dantas e do professor João Bosco Fernandes, transformando o tradicional educandário em Centro Cultural Joaquim Correia [...]. (HOLANDA, 2011, p. 51)



Figura 14: Atual fachada do Centro Cultural Joaquim Correia, ano de 2020. Fonte: Victor Mendes (2020)

O Grupo Escolar Joaquim Correia, não teve apenas importância de ser a primeira escola pública da cidade de Pau dos Ferros, mas a de ser o precursor em vários âmbitos

educacionais, e hoje mantém o seu objetivo de educar as gerações futuras, mas agora na forma de Casa de Cultura do seu município.

A Prefeitura de Pau dos Ferros

O edifício da Prefeitura de Pau dos Ferros, é um dos poucos que ainda conserva suas feições estéticas originais, desde a época de sua construção, tendo passado por apenas alguns projetos de revitalização. A mesma foi construída no ano de 1929, pelo primeiro prefeito eleito na cidade de Pau dos Ferros, o Sr. Francisco Dantas, prefeito este muito prestigiado em diversos relatos, pela sua luta e amor pela cidade de Pau dos Ferros, um dos feitos mais conhecidos deste prefeito é citado por Holanda, um fato que ocorreu no dia da inauguração da primeira praça da matriz, no ano de 1941:

[...] entre as autoridades presentes se encontrava o primeiro prefeito do nosso Município, eleito em 1929, o Sr. Francisco Dantas de Araújo. Em seu discurso falou das dificuldades da Prefeitura no seu tempo e lembrou, como marco de sua administração, a construção da atual sede de nossa Prefeitura, que ainda hoje enfeita a Av. Getúlio Vargas com a imponência e a beleza do seu estilo arquitetônico. Disse na sua fala que o referido prédio tinha sido construído com recursos próprios do Município e que para termina-lo teve de investir dinheiro do seu próprio bolso, porque os recursos de que dispunha a Prefeitura eram insuficientes para a conclusão da obra. (HOLANDA, 2011, p. 57)



Figura 15: Prefeitura de Pau dos Ferros, no ano de 1929. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p. 359)

A prefeitura pau-ferrense foi palco de eventos políticos, e também de lazer para a população no século passado, quando a realidade de entretenimento da cidade era escassa para a população, que segundo Holanda (2011, p. 29) é antes do ano de 1956.

Antes de 1956, as festas sociais locais limitavam-se a realização dos tradicionais bailes familiares, que ocorriam nas residências das nossas melhores famílias [...].

Em se tratando de festas mais populares cujo universo fosse mais abrangente, eram realizadas no barracão do Mercado Público Municipal ou nos salões da Prefeitura Municipal. (HOLANDA, 2011, p.29)



Figura 16: Fachada da Prefeitura de Pau dos Ferros no ano de 2019. Fonte: Prefeitura de Pau dos Ferros (disponível in: <https://paudosferros.rn.gov.br/index.php>)

Atualmente a mesma perdeu esse antigo costume de anfitriã das festas populares, mas segue imponente com a mesma fachada que tinha em seu ano de inauguração recebendo apenas, quando necessário, pequenas reformas de manutenção.

A Praça da Matriz, uma praça, muitos nomes e formas

A Praça da Matriz, possui atualmente o nome oficial de Praça Monsenhor Caminha, mas este mesmo local, está enraizado na história do município desde muito cedo, segundo Holanda (2011, p. 57), até o final da década de 1930 o termo Praça da Matriz se referia ao o nome da principal rua da cidade, onde se situavam comércios e diversas residências.

No final da década de 1930 a principal rua de nossa cidade, chamada Praça da Matriz, embora não existisse praça, era uma rua ampla, sem calçamento, arborizada na época do inverno com vegetação natural, muçambê e velame. (HOLANDA, 2011, p. 57)

Foi apenas no ano de 1941, na gestão do então prefeito Sr. Francisco Fernandes de Sena, que a ideia de construção de uma praça surgiu, está praça inserida ao lado do Mercado Público Municipal, porém Holanda (2011, p.57) explica que a mesma era apenas uma pequena praça, que se estendia nas adjacências do mercado, entre duas travessas, com uma dúzia de bancos e sem vegetação, porém mesmo assim, a singela praça não deixou de atrair a população.

[...] Neste local singelo, todas as noites, se reuniam amigos, os casais, os namorados, até mesmo o idosos que gostavam de assistirem às tradicionais retretas, nos finais de semana, tocadas pela banda de música municipal, no horário de 19:00 às 21:00 horas, pois, naquele tempo a energia elétrica era a motor e funcionava das 18:00 às 21:30 horas. (HOLANDA, 2011, p.57)

Após a inauguração a praça passou a fazer parte da rotina da população e seus festejos e por conta disto no final da década de 1940, o então prefeito Licurgo Nunes, adicionou ao local um novo e importante equipamento, o Pavilhão Municipal, porém o mesmo só entrou em funcionamento na gestão seguinte do prefeito Dr. José Fernandes de Melo, que continuou os melhoramentos da praça.

[...] Nessa época foi feita a arborização da Praça com o plantio de aproximadamente uma dúzia de árvores, chamadas *ficus-benjamim*, que também foi usada para fazer a primeira arborização geral das ruas de nossa cidade. Este trabalho se deveu à dedicação e à persistência do vice-prefeito da época, o Sr. José Guedes do Rego, que cuidou ele próprio de preparar as mudas para a realização da campanha de arborização. (HOLANDA, 2011, p.57-58)



Figura 17: Pavilhão Municipal, na década de 1960. Fonte: Antônio Medeiros de Dutra

O professor Victor Mendes relata os locais que aparecem na imagem acima, Figura 17, assim como a história por trás do registro deste momento:

Centralizado na foto, está o Pavilhão Cônego Caminha, na Praça da Igreja da Matriz. No lado direito da fotografia, está o Mercado Público Municipal Antônio Soares de Holanda. Ao fundo da fotografia, o prédio que tem o primeiro andar (o único da rua em 60-70) era o Cine São João. Para conseguir o registro, Toinho Dutra precisou pagar uma "rodada" na Roda Gigante, que estava no período das festividades da Padroeira em dezembro. (MENDES, 2020)

Após a construção do Pavilhão Cônego Caminha, um outro acontecimento ocorreu no terreno onde hoje encontra-se a Praça da Matriz, em 1956, ano do centenário da cidade e bicentenário da paróquia, foi inaugurado o Obelisco, um monumento comemorativo da história pau-ferrense até os dias atuais.

O ano de 56,

Era de festividade,
Neste mesmo ano foi
Feito em genialidade
Uma obra do divino,
O lindo e perfeito hino
De nossa simples cidade.
[...]
Neste belo ano aqui,
Aconteceu grande glória,
Que para sempre o município,
Marcou na sua memória,
Sem remover nem um trisco,
Pois nosso grande Obelisco
Nasceu qual marco na história. (CAVALCANTE, 2013, p. 78)

Segundo Holanda (2006, p. 23), o Obelisco foi inaugurado no dia 14 de dezembro de 1956, projetado pelo arquiteto Souza Lelles na cidade de Natal, a sua forma e tamanho transformaram a obra feita por José Florêncio de Queiroz, mestre de obras pau-ferrense, em um marco do centenário do município e bicentenário da paróquia, a construção desse importante Obelisco foi feita sem cobrança pela mão de obra, o local onde o mesmo foi construído no ano de 1956 não possuía o atual empraçamento, era apenas o largo da praça da Matriz, porém a comemoração desse acontecimento deixou o largo conhecido como largo do centenário.



Figura 18: Festa do Bicentenário da Paróquia de Pau dos Ferros e inauguração do Obelisco, no dia 14 de dezembro de 1956. Fonte: Francisca Morais de Aquino (2018, p. 329)

Após a inauguração do Obelisco na Praça da Matriz, Holanda (2011, p. 58) relata que não houve outras reformas ou melhoras significativas no espaço até a década de 1970 e que com o crescimento da cidade surgiram novos problemas estruturais nos arredores da praça, como trânsito e falta de espaços de estacionamento. Assim, no ano 1972, o então prefeito Zé Holanda decidiu construir uma nova praça, que comportasse o crescimento urbano da cidade, sendo chamada de Praça do Centenário.

[...] O projeto foi executado pelo arquiteto, Assis Amorim, atualmente juiz de Direito aposentado, que aqui exerceu por alguns anos, o cargo de juiz de Direito de nossa Comarca. A nova Praça, grande, bonita, moderna, bem arborizada com canteiros de flores e de rosas, além de árvores de grande porte, entre elas uma muda de Pau Brasil, chamava a atenção de todos. (HOLANDA, 2011, p. 58)

A ideia da praça de José Edimilson de Holanda não tinha importância apenas para o crescimento da cidade, mas segundo Cavalcante (2013, p. 81) a mesma quando inaugurada tinha gravado em seu palco uma frase de luta e repúdio a ditadura, e esta frase mostra qual corajoso foi o Sr. Zé Holanda, pois ele foi o único em todo Rio Grande do Norte, se opôs a ditadura.

Os anos se passaram e a bonita e grande Praça do Centenário teve o mesmo destino da pequena e singela Praça do Prefeito Francisco Fernandes de Sena. Os prefeitos que sucederam não cuidaram, não conservaram a sua beleza, transformaram-na em ponto comercial, cheio de barracos, cigarreiras e botecos, onde dominavam a desorganização e a sujeira, retirando dela a função e a finalidade de oferecer e promover o lazer para o povo. (HOLANDA, 2011, p. 59)



Figura 19: Palco da Praça do Centenário, ano desconhecido. Fonte: Francisca Moraes de Aquino (2018, p. 330)

O relato de José Edimilson de Holanda apresenta uma, de certa forma, emocionada visão do que a praça se tornou com o passar dos anos, porém o professor Victor Mendes relata sentimentos bem distintos em relação as suas memórias da já não existente Praça do Centenário. Mendes (2020) explica que importantes monumentos, tanto naturais quanto artificiais, foram apagados da história do centro do município com a modernização da antiga Praça do Centenário, um destes exemplares sendo o importante palco que tinha, em aço inox, a frase do poeta Castro Alves, “A praça é do povo, como o céu é do condor”, que representava o repúdio do governo do ex-prefeito José Edimilson de Holanda, à ditadura, este pequeno palco era local de várias atividade comunitárias, que iam de atividades religiosas à políticas. Mendes (2020), ainda relembra do que era conhecida como “pracinha dos taxistas”, local onde, os mesmos, ficavam aguardando por algum passageiro, “descansando em cadeiro de ferro e fitilho embaixo de árvores cinquentenárias (que foram derrubadas)” (MENDES, 2020). O professor Victor Mendes lembra a Praça do Centenário como o cenário típico de uma cidade interiorana, com seus

ladrilhos hidráulicos coloridos, barzinhos populares e com grandes árvores antigas, que chamavam a população para usufruir o seu espaço.

Esse é um ponto importante na forma como a população vê a sua cidade e como os políticos a veem. Porém as modificações na praça não pararam, pois no ano de 2009 o então prefeito Leonardo Rêgo, teve a iniciativa de criar uma nova praça, esta que seria denominada como Praça Monsenhor Caminha, com a configuração espacial que se mantem até os dias de hoje.

O projeto da mesma foi executado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, através de seu Reitor Dr. José Ivonildo do Rego, paufferrense que muito vem ajudando a sua terra natal.

Em 27 de junho de 2009 o Prefeito Leonardo Rêgo, entregou aos paufferrenses a nova e bonita Praça, com a realização de uma grande festa. (HOLANDA, 2011, p. 59)

Atualmente a Praça Monsenhor Caminha continua sendo conhecida como Praça da Matriz por seus moradores, dada a importância que a área desde seus primórdios, e hoje apresenta canteiros com vegetação, seus pequenos quiosques complementam o mobiliário urbano, junto com os bancos, lixeiras, postes, e o obelisco. A noite a praça se torna local de prática de atividade física, com moradores caminhando ao seu redor, mas sem nenhum atrativo que faça a população a utilizar como local de encontro como antigamente. O antigo palco com sua frase de luta contra a ditadura, já não existe, o pavilhão está lá sem estar, pois o mesmo foi desconfigurado e transformado em banheiros públicos, e esta é a realidade da atual Praça da Matriz.



Figura 20: Imagem aérea da Praça Monsenhor Caminha, 2015.
Fonte: Franskin Leite (2015)

A cidade de Pau dos Ferros, possui uma história rica em diversos aspectos, tanto culturais, como arquitetônicos, por mais que estes em sua maioria estejam apenas na lembrança dos mais antigos moradores. Porém, a cultura sertaneja, mesmo que com as diferenças da modernidade permanecem de alguma maneira no subconsciente da população, o amor pela padroeira da cidade e sua paróquia permanecem, mesmo que este carinho não se

estenda a história do edifício da Igreja de Nossa Senhora da Conceição. A cultura de ir à praça permanece, mesmo que não seja na praça que foi ponto de encontro de toda a população em seu passado, as festas sociais já não acontecem no Mercado Público ou nos salões da Prefeitura, mas ainda acontece em suas vias, seja durante a FINECAP (Feira Intermunicipal de Educação, Cultura, Turismo e Negócios do Alto Oeste Potiguar), ou nas festas em homenagem a Nossa Senhora da Conceição. A cultura permanece enraizada no povo, porém o entendimento de onde veio estes costumes, se perdem na história.

CONCLUSÃO

O município de pau dos ferros, tem uma história de mais de 250 anos, onde muitas memórias foram criadas e esquecidas, fazendo com que seja reafirmada a importância e a necessidade urgente de se manter a história do passado da Princesinha do Oeste viva, para que as próximas gerações saibam como ocorreu seu desenvolvimento histórico. Muitos exemplares arquitetônicos foram perdidos com o tempo, e hoje se tem apenas relatos das suas feições e dos seus usos, porém por mais que a perda arquitetônica seja dolorosa, é imprescindível pontuar que estas não foram as únicas e maiores perdas, pois costumes e acontecimentos também foram sendo apagados na atualidade.

Realidade que é ainda mais visível no bairro Central do município, que foi o palco do nascimento da cidade e também de muitas memórias para a comunidade, a corrida pelo progresso é o principal responsável pelo apagamento histórico no centro pau-ferrense, pois locais importantes, com histórias e lembranças, foram esquecidos e as novas gerações as vezes acabam por não terem sequer conhecimento de sua anterior existência, como é o caso do primeiro e único cinema da cidade, o Cine São João, que existe apenas na memória das pessoas que viveram naquela época, o mesmo ocorreu com o famoso CCP (Clube Centenário Pau-ferrense), que foi palco de grandes carnavais e festas na juventude dos moradores, entre as décadas de 1960 e 1970. Não são apenas edifícios que se perdem, alguns acontecimentos importantes que moldaram a comunidade pau-ferrense também hoje está presente apenas nos relatos, sejam eles acontecimentos políticos, violentos ou engraçados na história da comunidade, já não há festa no salão da prefeitura ou no antigo "barracão", a praça já não é do povo, como o céu é do condor, não se tem seresta no pavilhão, ou muito menos uma pequena Igreja Matriz, que já deixava o povo feliz, o progresso apagou todas essas memórias. E é por tais ocorrências que o registro da historiografia tem a importância de guardar estes momentos, fazendo assim que as gerações futuras, tenham a oportunidade de entender e apreciar a história que os antecederam e moldaram a sua cidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marlene Medaglia. **Introdução ao estudo da Historiografia Sul-Rio-Grandense: inovações e recorrências do discurso oficial (1920-1935)**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1983. Dissertação de Mestrado.
- AQUINO, Francisca Morais de. *et al.* **Memórias... Vivas Memórias: Genealogia. Autobiografia**. Pau dos Ferros/RN. Pau dos Ferros/RN: Queima-Bucho, 2018. Cap. 10. p. 311-379.
- BARRETO, José Jácome. **Pau dos Ferros: História, tradição e realidade**. Pau dos Ferros/RN. 1987.
- CASCUDO, Luís da C. **Nomes da Terra: Geografia, História e Toponímia do Rio Grande do Norte**. Natal: Fundação José Augusto, 1968. (Coleção Cultura)
- CAVALCANTE, Marcelo. **Pau dos Ferros à sombra da oiticica**. Natal: Offset, 2013. 140 p.
- FERNANDES, João Bosco Queiroz. **Joaquim Correia "Líder Oestano"**. Pau dos Ferros: Centro Cultural Joaquim Correia, 2002.
- HOLANDA, José Edimilson de. **Pau dos Ferros: crônicas, fatos e pessoas**. Pau dos Ferros: Arte Gráfica Pauferrense, 2006. 106 p. 1 v.
- HOLANDA, José Edimilson de. **Pau dos Ferros: crônicas, fatos e pessoas**. Natal: Gráfica Vital, 2011. 17 - 98 p. 2 v.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Área territorial brasileira 2020**: Pau dos Ferros. Rio de Janeiro: IBGE. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/pau-dos-ferros.html>
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estimativa de população residente com data de referência 1º de julho de 2020**: Pau dos Ferros. Rio de Janeiro: IBGE. 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/pau-dos-ferros.html>
- IGLÉSIAS, Francisco. **Comentário ao roteiro sucinto do desenvolvimento da historiografia brasileira**. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS BRASILEIROS. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.
- LAPA, José Roberto Amaral. **Historiografia Brasileira Contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1981.
- MENDES, Victor Rafael do Nascimento. **"A PRAÇA É DO POVO, COMO O CÉU É DO CONDOR"**. Pau dos Ferros, 29 maio 2020. Facebook: /victorrnmendes. Disponível em: <https://www.facebook.com/victorrnmendes/posts/pfbid02dAAL5oHk4G9SkqxrGJQVwYzqi7WwRibUqZ6NpakK7Hc6PMX982nyGdwzwwK3nVGI>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- MENDES, Victor Rafael do Nascimento. **PAU DOS FERROS NA DÉCADA DE 70**. Pau dos Ferros, 27 maio 2020. Facebook: /victorrnmendes. Disponível em: <https://www.facebook.com/victorrnmendes/posts/pfbid02Xx5yFDh8BrsEZjjzXro3w7edFLfahQhQHjJh6oJr8BojNwtZ1CmGKvkSi2pCHmW3l>. Acesso em: 20 ago. 2022.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PAU DOS FERROS. **O MUNICÍPIO: Origem**. Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros. Disponível em: <https://pauodosferros.rn.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- ROCHA, Ana M. G.; PAIVA, Maria S.; BEZERRA, Maria C. **Pau dos Ferros sua origem e desenvolvimento**. Pau dos Ferros: Prefeitura Municipal de Pau dos Ferros, 1972.
- TORRES, L. H. **O conceito de história e historiografia**. BIBLOS, Rio Grande, v. 8, p. 53-59, 1996. Recuperado de <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/443>
- XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2011, São Paulo. O Grupo Escolar Joaquim Correia: **uma introdução à história da educação de Pau dos Ferros (RN) na primeira metade do século XX**. São Paulo: ANPUH, 2011. 7 p. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/documentos/anais/items/1-anais-simposios-anpuh>.